

# IMPERIALISMO E OTAN: IMPLICAÇÕES NA GUERRA DA UCRÂNIA E NO MERCADO INTERNACIONAL

**Lauanny Miranda de Araujo**

Lauanny.araujo@fatec.sp.gov.br

**Prof. Me. Paula Rodrigues Granato**

Paula.granato@fatec.sp.gov.br

**Fatec Itapetininga**

**RESUMO:** O presente artigo tem como premissa analisar as razões pelas quais as políticas de expansão da OTAN para o Leste Europeu causaram e continuam causando tensões políticas e ações militares da Rússia no contexto ucraniano e quais são as consequências de tais ações para o comércio internacional. Conclui-se que a postura de busca por hegemonia por parte dos Estados Unidos e sua política de segurança por meio da Otan que visa diretamente à contenção da Rússia, juntamente com relações já desgastadas entre os países, criou condições para uma guerra que tem impacto direto no comércio internacional, prejudicando a oferta de produtos agrícolas e acabando por elevar o custo dos alimentos. O desenvolvimento baseia-se na pesquisa bibliográfica e análise documental, abrangendo estudos realizados a partir de livros e artigos científicos publicados na internet, entre outros a fim de se identificar as informações necessárias para a elaboração da análise do tema.

**Palavras-chave:** Comércio internacional. Conflito. OTAN. Relações internacionais.

## IMPERIALISM AND NATO: IMPLICATIONS IN THE UKRAINE WAR AND IN THE INTERNATIONAL MARKET

**ABSTRACT:** The premise of this article is to analyze the reasons why NATO's expansion policies towards Eastern Europe caused and continue to cause strong Russian policies and military actions in the Ukrainian context and what are the consequences of such actions for international trade. It concluded that the United States posture of seeking hegemony and its security policy through NATO, which directly aims to contain Russia, together with already strained relations between the countries, created conditions for a war that has a direct

impact on international trade market, jeopardizing the supply of agricultural products and ending up raising the cost of food. The development of the article is based on bibliographic research and document analysis, covering studies carried out from books and scientific articles published on the internet, among others, in order to identify the necessary information for the elaboration of the analysis of the theme.

**Keywords:** Conflict. International relations. International trade. NATO.

## 1 INTRODUÇÃO

A situação atual marcada por uma série de conflitos, leva a refletir sobre as formas de poder e dominação, surgindo a necessidade de se investigar melhor os conceitos de imperialismo e como se faz presente no mundo moderno em oposição ao Imperialismo da antiguidade.

Diante disso, o presente trabalho busca identificar as consequências de tais condutas imperialistas para o mundo atual e estas corroboraram para o atual conflito entre Ucrânia e Rússia, e como isso reverbera no mercado internacional através de escassez e aumento no preço dos alimentos como o trigo ou fertilizantes.

## 2 METODOLOGIA

A metodologia aplicada no desenvolvimento deste trabalho acadêmico baseia-se na pesquisa bibliográfica e análise documental que, em linhas gerais, “é um apanhado sobre os principais trabalhos científicos já realizados sobre o tema escolhido e que são revestidos de importância por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes”. (BONI; QUARESMA, 2005, P. 71). Ela abrange estudos realizados a partir de livros e artigos científicos publicados na internet, entre outros a fim de se identificar as informações necessárias para a elaboração da análise do tema e concluir o seguinte questionamento posto como problemática: quais as consequências de condutas imperialistas para o comércio internacional?

## 3 REFERENCIAL TEÓRICO

### 3.1 IMPERIALISMO

O imperialismo é uma forma de dominação que teve início na segunda metade do século XIX e se estendeu até o século XX. Diz respeito a uma dominação política, econômica, social e cultural realizada por países europeus, Estados Unidos da América (EUA) e Japão, e é realizada principalmente em três continentes: África, Ásia e Oceania. Contudo, países da América Latina também sofreram com o imperialismo em seu caráter econômico.

Para reforçar tais explicações, faz-se necessário transcrever abaixo o seguinte

entendimento de Lênin sobre o assunto abordado:

O imperialismo, ou o domínio do capital financeiro, é aquela fase superior do capitalismo na qual essa separação atinge vastas proporções. A supremacia do capital financeiro sobre todas as outras formas do capital, significa a hegemonia dos que vivem dos rendimentos e do oligarca financeiro; significa uma situação privilegiada de um pequeno número de Estados financeiramente ‘poderosos’ em relação a todos os outros. (LÊNIN, 1985, p.58).

Alguns autores trabalham com a ideia de que o Imperialismo é uma fase superior do Capitalismo, pois no momento em que o capitalismo não cabe mais em suas próprias fronteiras M ele se expande, dominando e explorando outros povos, com a finalidade de enriquecer sua indústria, conquistando áreas ricas em matérias primas, mão-de-obra barata, novas rotas comerciais e mercados consumidores para seus produtos.

Para justificar esse processo exploratório, foi necessário aos países imperialistas se fundamentarem em teorias sociais como O Darwinismo Social, em que a principal ideia defendida era de que todas as sociedades evoluem, e com isso, afirmar que existem sociedades mais avançadas que as outras.

Através da ideia de que os europeus brancos eram os seres mais evoluídos, foi desenvolvida a teoria da eugenia, a qual afirmava que era necessário um processo de branqueamento das sociedades, principalmente dos países negros. Através

dessas teorias, os europeus justificaram todas as guerras imperialistas e a exploração que estavam submetendo outros países, sendo esta chamada de missão civilizadora.

Em contraposição, há a teoria do imperialismo de Joseph Schumpeter a qual pretende ser uma alternativa à teoria econômica do imperialismo, especialmente sua versão marxista. Descrente da tese de que o imperialismo do final do século XIX fosse resultado de mudanças ocorridas no capitalismo, inaugurando sua fase monopolista, Schumpeter explica o imperialismo pela presença de elementos hereditários e práticas feudais ainda atuantes no Estado Moderno. Adepto da teoria econômica liberal, Schumpeter levou em consideração certos aspectos do desenvolvimento econômico como a competição pacífica e a inovação tecnológica, separando-os da violência literal ou figurada do capital.

De acordo com Schumpeter, o Imperialismo é uma disposição, sem objetivo, da parte de um Estado, de expansão ilimitada pela força a qual só encontra razão prática na antiguidade, onde a guerra não era um acontecimento anormal que modificava a vida privada, e sim a própria vocação e o cotidiano social das pessoas. Existia excesso de energia que só encontrava escoadouro na guerra. Dessa forma, o autor afirma que o Imperialismo de uma nação guerreira, o Imperialismo popular, surge na História quando o povo adquire uma disposição bélica e uma organização social correspondente, antes que tenha oportunidade de ser absorvido

pela exploração pacífica da área em que se instalou definitivamente. (SCHUMPETER, 1961, p.48)

O conceito de imperialismo moderno de Schumpeter está ligado à ideia de concorrência entre as empresas capitalistas, porém argumenta que, quanto mais o sistema capitalista avançar, ou quanto maior a pureza do sistema, menores as possibilidades de aventuras imperialistas.

Para ele, as empresas competem não apenas dentro de seus mercados domésticos, mas também em nível internacional, buscando conquistar novos mercados e ampliar sua presença global. Segundo Schumpeter, essa busca por mercados externos é uma das principais causas do imperialismo. O imperialismo é apenas o resultado da luta das empresas capitalistas pela sobrevivência e pelo crescimento, luta que é intensificada pela concorrência entre elas, (SCHUMPETER, 1955, p. 57).

Em defesa de sua teoria, Schumpeter diz que os Estados Unidos é o país de menor propensão às aventuras imperialistas, mesmo admitindo-se a existência de tendências imperialistas, e que mesmo quando há algum sentimento ou atitude imperialista, é devido a componentes não capitalistas. Nas palavras do autor:

Certamente, todos os interesses expansionistas que no mundo capitalista existem aliam-se naturalmente às tendências imperialistas que fluem de origens não capitalistas, utilizando-as, fazendo-as de pretextos, racionalizando-as para, através delas, indicar um caminho de ação. Essa união é que forma o quadro do moderno Imperialismo; mas por essa razão mesma, o Imperialismo moderno não é apenas uma questão de fatores capitalistas. (SCHUMPETER 1961, 97).

### 3.1.1 Imperialismo e colonialismo

Para Hobson (1902), o imperialismo e o colonialismo se confundem quando uma nação que é constituída maioritariamente por habitantes oriundos da nação de origem, conserva as mesmas políticas e governos da pátria mãe. O moderno imperialismo apresenta a competição entre vários impérios, diferentemente dos medievais, nos quais um único Estado dominava todo o mundo conhecido até os confins de seus limites, tal como o Império Romano, exemplo que se identificava com o internacionalismo.

Segundo o autor, o nacionalismo conduz ao internacionalismo e a sua perversão é o imperialismo, onde os estados forçam os limites naturais, com violência, transformando a rivalidade dita saudável das nacionalidades em uma luta entre impérios que competem entre si.

Hobson (1902) enfatiza em sua obra que os EUA, ao final do séc. XIX, romperam com o conservadorismo político e se lançaram em uma carreira imperial pondo em risco princípios de igualdade e liberdade, ao utilizarem a força militar para subjugar povos. Para ele, a questão norte-americana foi além da simples ambição de uma jovem nação, sendo impulsionada pela sobreacumulação do capital.

Os EUA protegeram suas indústrias e seu mercado por meio de tarifas aduaneiras, fato que levou à fusão de várias empresas com capacidades produtivas maiores que a dos países industrializados mais avançados. As fusões entre empresas elevaram a riqueza do

país e proporcionaram uma poupança de grandes proporções, aliadas ao aumento do consumo de uma população “acostumada a um elevado nível de conforto”, que mesmo assim não conseguiu absorver toda a produção industrial do país.

A tendência capitalista crônica de queda da taxa de lucro produzir crises de sobreacumulação foi apontada por Marx no século XIX, e teve na crise de 1930 sua maior expressão antes da que se vivencia hoje.

A explicação mais corriqueira para este fenômeno é que os salários dos trabalhadores crescem a uma velocidade menor que a quantidade de mercadorias e serviços ofertados pelas empresas, ou seja, os capitalistas pagam cada vez menos seus trabalhadores, pois ao passo em que aumenta a produtividade de suas fábricas em 5 vezes, o salário dos empregados fica estagnado ou no máximo, se estiverem mobilizados na luta por maiores salários, aumenta em 2 vezes. Se os salários crescem mais devagar que a oferta de mercadorias, há um momento em que não existe mais demanda, pois as pessoas não têm dinheiro para comprar tudo que é produzido. Mas não é apenas o problema da falta de demanda dos consumidores que rege as crises de sobreacumulação do capital.

Semelhante a linha de pensamento do geógrafo David Harvey que argumenta que a lógica capitalista do imperialismo deve ser entendida no contexto de encontrar uma “ordem espaço-temporal” para o problema do capital excedente. Sendo assim, a “expansão geográfica e reestruturação espacial” é uma opção para essas empresas encontrarem

investimentos rentáveis para seu capital remanescente em outras regiões.

### 3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA OTAN

A OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) nasceu como resultado do Tratado do Atlântico Norte, assinado em 4 de abril de 1949, o qual estabelecia a defesa coletiva de seus Estados membros, ou seja, quando um membro é atacado, é considerado um ataque a todos os Estados-membros. Os membros fundadores da organização foram EUA, Canadá, Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Reino Unido, França, Itália, Islândia, Dinamarca, Noruega e Portugal. Foi criada em 14 de maio 1955 como oposição à Organização do Pacto de Varsóvia, um bloco militar formado pelos países aliados da URSS (Hungria, Romênia, Alemanha Oriental, Albânia, Bulgária, Tchecoslováquia e Polônia). O Pacto de Varsóvia foi extinto em 31 de março de 1991, com o fim da URSS.

A OTAN não realizou nenhuma operação durante o período da Guerra Fria, porém já atuou diversas vezes depois deste período, sendo as mais conhecidas, as missões na Guerra da Iugoslávia (1999) e a ISAF (Força Internacional de Apoio à Segurança) no Afeganistão, em 2001. Após a Guerra Fria, a OTAN contou com diversas adesões de países da Europa Oriental, como a Polônia, Hungria, República Tcheca e Romênia, e com a Ucrânia em negociação para também integrar a organização. Porém, existe tensão com a Rússia nessa questão, que já ocupa a

Península Crimeia, parte do território da Ucrânia.

Com o cessar da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), as potências europeias estavam enfraquecidas, enquanto se estabelecia o cenário de polarização entre os Estados Unidos e a União Soviética. A Europa ainda não tinha um destino definido, pois estava abalada socialmente, economicamente e politicamente. As sobras do fim da guerra poderiam ser compartilhadas, uma vez que o fator garantido seria desagregador dentro do grupo dos aliados, lançando assim um fundamento da Guerra Fria: "A crise da Alemanha nazista e a necessidade de cobrir o enfado de poder consequente levaram à desintegração da parceria da Guerra". (EVEDOVE, 2004).

As fronteiras da Alemanha ainda não estavam bem definidas, nem mesmo o destino político dos governos e sua condição, que restava para ser decidido pelos vencedores. A contínua luta fronteiriça alemã foi discutida nos Estados Unidos, surgindo algumas dúvidas sobre a intervenção norte-americana na Europa do pós-guerra. O lançamento da chamada "Doutrina Truman".

O debate entre duas referências ideológicas, econômicas e políticas opostas repercutiu em todo o mundo ao longo dos anos. Tais disputas dividiram o mundo em duas partes, dando origem à era bipolar. Em março de 1947, o presidente dos Estados Unidos, Harry Truman (1945-1953), lançou a doutrina que leva seu nome, ponderando "as políticas dos Estados Unidos em favor dos povos livres que resistem às minorias armadas

ou à pressão externa" sendo nada mais que uma política externa que tinha como objetivo impedir a expansão do socialismo, especialmente em nações capitalistas consideradas frágeis, e com isso iniciou a ajuda à Turquia e à Grécia, temendo que a União Soviética preenchesse o vácuo de poder criado pela retirada segura da Grã-Bretanha do regime anticomunista. Em julho do mesmo ano, o governo dos EUA anunciou o Plano Marshall, que forneceu fundos para reconstruir a Europa e promoveu o liberalismo econômico dos EUA, intensificando assim o clima de antagonismo entre os blocos capitalista e socialista liderados pelos Estados Unidos e pelos Estados Unidos e União Soviética.

O complemento militar do plano do Secretário de Estado George Marshall foi a estruturação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), enquanto que o Pacto Atlântico seria a melhor forma de se proteger dos agressores. Hobsbawm argumenta que a OTAN fazia parte dos planos de reconstrução da Europa pensados pelos norte-americanos, que enxergavam na força econômica alemã a chave para a recuperação da Europa. (EVEDOVE, 2004).

Nesse contexto, Joseph Stalin (1928-1953) acelerou a vigilância comunista da Europa Ocidental, levando a um golpe comunista na então Tchecoslováquia e ao Muro de Berlim em 1948. Territórios da Europa Oriental, como Polônia, Tchecoslováquia, Hungria, Alemanha Oriental e Romênia, tornaram-se os "satélites" da União Soviética, o que trouxe resultados para o bloco soviético.

Os países ocidentais começaram a temer que a União Soviética pudesse fazer mais progressos. Então, em abril de 1949, por meio do Tratado de Washington, foi criada a Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN. O seu principal objetivo era garantir a liberdade e a segurança dos seus membros por meios políticos e militares, de acordo com os princípios fundamentais consagrados no Tratado do Atlântico Norte e no artigo 51.º da Carta das Nações Unidas.

A OTAN foi criada a partir de uma proposta de interação entre estados que estipulava um compromisso com a solução pacífica de disputas internacionais, em vez de declarar uma força permanente para gerenciar as relações coletivas para manter e aprimorar suas capacidades de defesa. A área de influência da aliança foi determinada como sendo aquela parte do Oceano Atlântico, localizada na altura do Trópico de Câncer e dentro dos territórios dos países que compõem o tratado.

A organização tem total responsabilidade pela manutenção ou restauração da paz pelo Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (CSNU). Essa ação pode ser vista de um lado positivo pela agilidade comparativa com que a OTAN conta sobre o Conselho nas operações, ou de um lado negativo, considerando a abertura de um precedente para que a OTAN comece a atuar como um policial internacional, colocando outros estados na impossibilidade de desenvolver uma política nacional independente, interna ou externa, e de utilizá-los como meio acessório

de estabelecer no mundo o domínio anglo-americano.

### 3.2.1 Alargamento da Otan no Pós-Guerra Fria

Até o fim da Guerra-Fria, a OTAN contava com 16 membros em sua aliança. Antes mesmo da dissolução do Pacto de Varsóvia em 1991, o então líder da URSS, Mikhail Gorbachev, concordou com a unificação da Alemanha e seu ingresso na OTAN. Em troca, firmou uma promessa com George H. W. Bush (1989-1993) e diversos outros líderes de que a OTAN não se expandiria para a Alemanha Oriental. Logo em seguida o acordo é quebrado, e a aliança militar adentra o território da Alemanha recém-unificada. Diante da quebra do acordo, o presidente soviético reagiu com indignação, mas a justificativa americana era de que o acordo foi apenas verbal e que não tinha nenhuma força. (CHOMSKY, 2017).

A União Soviética encontrava-se imersa em uma grande crise e, a partir desse momento, o Pacto de Varsóvia seguiu para seu desmantelamento até o ano de 1991, sendo a data de 1º de julho o marco oficial de seu fim.

Apenas alguns anos depois, em 1999, é que a OTAN retoma fortemente seu processo de expansão, com a adesão de novos membros. Mas é neste período, entre os anos 1991 até 1999, que acontece um estágio de mudança estratégica e resignificação da permanência da OTAN. Sem a ameaça soviética, já não havia mais as justificativas que originaram a criação da aliança militar. No

primeiro encontro realizado pela OTAN, após o fim da URSS, em janeiro de 1994, em Bruxelas, a cúpula que reunia todos os chefes de Estado lançou as novas diretrizes da organização, adaptando as suas bases motivadoras existenciais, de maneira que justificasse a sua continuidade e trouxesse um propósito para a aliança.

Naquele encontro é lançado o programa Parceria pela Paz, que buscava reforçar as relações, trazer a estabilidade, reduzir as ameaças à paz e intensificar a cooperação militar e política na Europa. (NATO, 1994).

Apesar da Guerra Fria ter terminado, a OTAN alegava que novas ameaças estavam surgindo no continente, reforçando, portanto, o seu compromisso com a busca pela segurança e paz. Tais ameaças, conforme mencionadas no documento, iam desde a proliferação de armas de destruição em massa, até o terrorismo internacional. Este último “constituindo violação dos direitos e da dignidade humana, e uma ameaça à condução normal das relações internacionais.” (NATO, 1994).

Na sequência do documento, a OTAN fornece seu apoio à reforma política e econômica da Rússia, no processo de democratização e adequação ao mercado. Além disso, propõe que uma reforma de sua política externa seria “importante para a segurança e estabilidade na Europa.” (NATO, 1994). Constata-se, neste trecho, que a OTAN difunde os valores ocidentais como aqueles que deveriam ser os valores reproduzidos.

Depois dos ataques do 11 de setembro de 2001, a OTAN legitima o seu propósito de

lutar contra o terrorismo. Esta transformação radical da OTAN pareceu mais aceitável para a Rússia, pelo menos naquele momento, por aparentar a Putin de que estava se transformando em uma organização mais para o lado político. (DROZDIK, 2001).

Além disso, é criado em maio de 2002, o Conselho OTAN-Rússia, que serviu para manter as relações formais entre OTAN e Moscou, e que envolviam outras questões, como “cooperação, decisão conjunta e ação conjunta, em que os Estados membros individuais da OTAN e a Rússia trabalham como parceiros iguais num amplo espectro de questões de segurança de interesse comum.” (NATO-RUSSIA COUNCIL, 2002). De forma a permanecer evitando a questão de que o alargamento e a expansão da aliança não visavam enquadrar a Rússia, a OTAN decide tomar medidas com relação ao sistema de defesa de mísseis, conforme corrobora Mearsheimer (2014).

Portanto, nota-se que mesmo com as medidas de cooperação, a permanência da intenção em incluir a Ucrânia como membro da OTAN reafirmou o posicionamento geopolítico russo em assegurar uma “zona neutra” entre a sua fronteira e os países membros da aliança, como estratégia de defesa territorial. Em 2009, chegou a vez da Albânia e da Croácia entrarem como membros da OTAN, atingindo o número de 28 países membros. Mais um passo da organização para a região leste da Europa.

### 3.3 GUERRA NA UCRÂNIA

A OTAN tem se expandido continuamente desde sua criação em direção ao Leste Europeu, fato que, de acordo com Andrew Wolff (2015), a Rússia enxerga como uma ameaça real.

Por trás da controvérsia do alargamento está um desacordo maior e mais fundamental entre a Rússia e o Ocidente sobre a estrutura da segurança na Europa. Essa discordância fundamental é baseada no fato de a Rússia ter uma visão de mundo geopolítica, e o Ocidente ter uma visão de mundo liberal. A Rússia vê o mundo em termos de cálculos de poder relativo, soberania nacional e segurança da pátria. O Ocidente, por outro lado, acredita no poder transformador do livre mercado, promove reformas políticas liberais e defende os direitos humanos. A visão de nenhum dos lados dos assuntos internacionais é inteiramente consistente, mas em cada caso ele orienta a maior parte da política internacional, e ambos estão ligados à disputa pela ampliação da OTAN. (WOLFF, 2015, p. 1111).

Alguns países que eram satélites soviéticos juntaram-se à OTAN após a queda do Muro de Berlim, como a Polônia, Bulgária e Romênia. Até mesmo repúblicas que faziam parte da URSS, como no caso de Estônia, Letônia e Lituânia, juntaram-se à OTAN, aproveitando-se do colapso econômico da Rússia do final dos anos 1990, o que seria impensável nesse século atual, diante do fortalecimento econômico e da recuperação do poderio militar da Rússia.

Neste século, o governo de Vladimir Putin conseguiu reerguer a economia russa,

rica em petróleo, gás, minérios e commodities. E Putin passou a elevar o tom nacionalista para recolocar a Rússia como protagonista global, o que renovou a grande rivalidade com os Estados Unidos, principalmente.

Farias (2022) pontua que o risco de o atual conflito russo-ucraniano virar uma III Guerra Mundial é pequeno, a não ser que a Rússia venha a atacar algum dos países membros da OTAN pois, de acordo com o artigo 5º do Tratado, a aliança militar é obrigada a defender qualquer estado membro que seja atacado. A Rússia tem mais de 2 mil armas nucleares de acordo com o jornal *The Washington Post* em 2022, mas também não parece crível que vá usá-las nesse conflito. Vladimir Putin sabe o tamanho desses riscos.

Parece nítido que o maior objetivo russo na invasão de 2022 é unir a península da Crimeia com as regiões separatistas de Donetsk e Luhansk, o que levaria a Rússia a tomar conta de todo o litoral ucraniano no Mar de Azov.

As províncias de Donetsk e Luhansk estão localizadas no chamado “cinturão da ferrugem”, uma área rica em minerais e aço, parte de uma região conhecida como bacia de Donbass, entre o Mar de Azov e a fronteira com a Rússia, que abriga vastas reservas de carvão. A Ucrânia também é grande produtora mundial de *commodities* valiosas, como trigo e milho. A infraestrutura ucraniana está sendo bastante destruída, nos aeroportos, portos, construções residenciais, ferrovias, rodovias, o que deve encarecer futuramente o custo de transporte dos produtos ucranianos.

Nas negociações em andamento para um acordo de paz, a Ucrânia já declarou que aceita negociar um *status* de neutralidade do país e que pode renunciar à sua entrada na OTAN, mas não aceita ser desmilitarizada. A adesão à União Europeia é outro ponto que a Ucrânia não deverá abrir mão. Em relação à Crimeia e aos territórios de maioria étnica russa no Leste, tudo ainda é uma incógnita

Resumidamente, a invasão da Ucrânia é apenas mais um peão neste complexo cenário geopolítico envolvendo riqueza mineral, agricultura, política, competição regional, queixas históricas e poder militar. Infelizmente, uma solução pacífica parece estar longe de ser alcançada. Não obstante, os esforços diplomáticos globais para a obtenção de uma paz duradoura devem continuar incessantemente, posto o elevado custo de perdas de vidas humanas, principalmente entre a população civil, sempre os mais afetados como colaterais em quaisquer conflitos armados.

Em 24 de fevereiro de 2022 o mundo foi surpreendido com a invasão da Ucrânia pelas forças armadas russas. Porém, ao contrário do senso comum no Ocidente, o conflito entre os dois países começou bem antes dessas movimentações.

Em 2004, a Ucrânia vivenciou a Revolução Laranja, um conjunto de revoltas populares contra a eleição de Viktor Yanukovich, de linha ideológica pró-Moscou. A revolta pacífica derrubou Yanukovich, que foi substituído por um governo moderado. Mas, em 2006, Viktor Yanukovich voltou ao governo, ficando até fevereiro de 2014, quando

foi destituído pelo Parlamento, como consequência do Euromaidan, outro movimento de insurgência popular.

No Euromaidan, a população clamava por maior integração da Ucrânia com a União Europeia, após Yanukovych não ter assinado um acordo de cooperação econômica com a UE. Os protestos radicalizaram-se e os manifestantes antigoverno ocuparam vários edifícios na capital Kiev, incluindo o Ministério da Justiça, e, como saldo dos protestos, morreram 98 pessoas e milhares ficaram feridos. Nas eleições gerais realizadas em maio de 2014, Petro Poroshenko venceu, com uma plataforma pró-União Europeia, recebendo mais de 50% dos votos; porém, o governo daquele não conseguiu serenar os ânimos exaltados no país.

A Rússia mantém bases militares na estratégica península da Crimeia graças ao Tratado de Partilha da Frota do Mar Negro assinado com a Ucrânia em 1974. Com bases militares e comunidades russas na península em risco pelo novo governo ucraniano, o parlamento da Crimeia realizou um referendo em março de 2014, no qual quase 95% dos eleitores votaram pela união de Kerry Mia com a Rússia. Em 18 de março de 2014, a Rússia aprovou uma lei que finalmente incorporou a Crimeia à Federação Russa. A anexação da Crimeia não foi aceita pela UE e pelos EUA e desencadeou uma série de embargos econômicos contra a Rússia. O presidente Vladimir Putin acusou a União Europeia e os Estados Unidos de manipular o governo ucraniano e ignorar os avisos russos sobre questões de segurança; Moscou afirmou ainda

que os Estados Unidos estavam pressionando a Ucrânia para se juntar à OTAN, levando Putin a exigir a desmilitarização e a neutralidade da Ucrânia, assim como fizeram a Finlândia e Suécia.

Na esteira desses acontecimentos, as regiões de Donetsk e Luhansk, no leste da Ucrânia, que possuem população preponderantemente de etnia russa, declararam unilateralmente sua separação da Ucrânia, em 2014, iniciando uma guerra civil que até 2022 já havia ceifado 14.000 vidas, apesar dos acordos de cessar fogo celebrados em Minsk, em Belarus, em 2015.

Em 2019, Volodymir Zelensky, um popular ator de televisão, derrotou nas eleições o então presidente Petro Poroshenko, e obteve 73% dos votos apurados. A eleição de Zelensky por um partido de direita-antissistema, conforme ele próprio definiu, aumentou as tensões com Moscou, apesar da promessa feita pelo novo presidente de reaproximar os ucranianos e os russos.

Em declaração feita em 21 de fevereiro de 2022, Vladimir Putin reconheceu a independência das regiões separatistas de Donetsk e Luhansk e disse que enviaria tropas para a “manutenção da paz”. No dia seguinte, houve a invasão da Ucrânia em várias frentes. Putin disse que a ação militar da Rússia era para proteger as populações local de etnias russas de um “genocídio e para desmilitarizar e ‘desnazificar’ o país”. A receita do caos estava completa.

#### 3.4 REPERCUSSÃO NO MERCADO INTERNACIONAL

De acordo com “O Observatório de Política Externa e da Inserção Internacional do Brasil” o conflito entre a Rússia e a Ucrânia provocou turbulência no comércio mundial desde fevereiro. Ambos os países são grandes exportadores de produtos agrícolas, com produtos como óleo de girassol, sementes de girassol e trigo (53% e 27% do mercado global, respectivamente). Além da produção agrícola, a Rússia é um dos maiores produtores de fertilizantes do mundo, o segundo maior exportador de petróleo e grande produtor de gás natural, abastecendo o mercado europeu, principalmente o alemão.

Desta forma, as sanções impostas à Rússia interromperam as cadeias de suprimento dessas matérias-primas, como resultado dos combates, do bloqueio dos portos ucranianos no Mar Negro e das sanções que visavam os setores bancário e de energia da Rússia, elevando os preços dessas matérias-primas a patamares exorbitantes. (FASSIHI, 2022; SANTORA; NECHEPURENKO; ONISHI, 2022).

Os preços dos fretes também foram afetados pelo aumento dos preços dos combustíveis, fechamento do espaço aéreo e redirecionamento de rotas marítimas, afetando cadeias de valor globais, já abaladas pela pandemia global de Covid-19. No nível doméstico, a inflação global forçou os países em desenvolvimento a aumentarem as taxas de juros, retardando sua recuperação econômica, achatando a renda dos trabalhadores e exacerbando a insegurança

alimentar nos países mais dependentes dos produtos agrícolas russos e ucranianos.

Por fim, o aumento dos preços dos alimentos e combustíveis, decorrentes da guerra, já está acelerando a inflação em nível mundial (OCDE, 2022), pressionando as já combalidas economias dos países num ambiente pós-COVID e de forma desigual. (THE ECONOMIST, 2022).

Nesse sentido, a atuação dos países, especialmente na Organização Mundial do Comércio (OMC), se divide entre aqueles que defendem sanções contra a Rússia e aqueles preocupados com o agravamento das condições do comércio global. Os investidores estão se preparando para maior depreciação das moedas europeias. O aumento dos preços da energia e a guerra iminente na Ucrânia pioraram as perspectivas do continente.

A desvalorização do euro em relação ao dólar atingiu o seu auge no mês de julho, em que a moeda europeia atingiu o valor mais baixo dos últimos 20 anos. Por outras palavras, as duas moedas atingiram o mesmo valor, o que representa uma desvalorização de 15% do euro no último ano.

Isso significa que um euro agora vale tanto quanto um dólar. Mas a tendência de baixa não parou por aí, e o valor do euro passou a ser inferior ao do dólar. De fato, as importações ficam mais caras na medida em que o valor do dólar é maior ou mais próximo do valor do euro. Isso significa que você terá que gastar mais euros por determinado produto e pagar em dólares.

Um dos maiores exemplos de como a desvalorização do euro em relação ao dólar

pode afetar nosso portfólio é o barril de petróleo. Isso porque é fundamental para a produção de diesel e gasolina, que são negociados em dólares. Ou seja, se o preço do combustível sobe, aumentam os custos de transporte e industriais, o que afeta toda a cadeia de consumo.

### 3.4.1 Posicionamento do Brasil no conflito

Apesar das críticas à invasão da Ucrânia pela Rússia, o governo brasileiro expressou preocupação em relação às sanções unilaterais impostas à Rússia e à interrupção das exportações de fertilizantes agrícolas. A ministra Teresa Cristina disse que o Brasil errou ao fechar a fábrica de fertilizantes e defendeu a exclusão do produto das listas de sanções ocidentais. Para evitar a escassez de fertilizantes no mercado brasileiro, o governo Bolsonaro tem buscado diversificar os fornecedores, enviando o ministro da Agricultura ao Canadá para comprar de outros fornecedores e lançando o polêmico Plano Nacional de Fertilizantes (PNF) que, com a liberação de 9 de março para mineração em terras indígenas para obter o potássio necessário para a fabricação do produto, o projeto de lei foi aprovado pela Câmara dos Deputados em regime de emergência.

Além dos fertilizantes, o choque nos preços do petróleo decorrentes do conflito contribuiu com o encarecimento dos combustíveis no Brasil, o que levou à inflação de outros produtos, especialmente alimentos, que dependem largamente do transporte rodoviário para chegar a seu destino. Apesar

de a maioria do trigo consumido no Brasil vir da Argentina e de outros países da América, o conflito na Ucrânia elevou os preços do produto no mercado brasileiro, agravando a já existente inflação no país. A expectativa do governo brasileiro é a de que os fertilizantes comprados da Rússia consigam ser entregues até a próxima safra, juntamente com uma desescalada do conflito, de modo a restabelecer os preços no mercado global.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para fazer uma análise concernente ao tema, os elementos foram analisados mediante a perspectiva dos autores clássicos mais relevantes, para entender a dinâmica do imperialismo atual e tentar conectar sua conceituação com a trajetória da hegemonia norte-americana através da expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte, enfatizando os conflitos internos e interesses territoriais e ideológicos de todos os envolvidos, os quais corroboraram para que o conflito se instaurasse.

As consequências atuais de tais condutas imperialistas podem ser observadas através do significativo impacto no comércio internacional, especialmente no setor agrícola e energético, afetando os preços globais dos alimentos e dos fretes. Além disso, a desvalorização do euro em relação ao dólar tem afetado negativamente a economia europeia e, conseqüentemente, toda a cadeia de consumo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTÃO, Gustavo e ROCHA, Leonardo. **Como a guerra na Ucrânia está atingindo o comércio no mundo?** O Observatório de Política Externa e da Inserção Internacional do Brasil. 18 de abril 2022. Disponível em <https://opeb.org/2022/04/19/a-guerra-na-ucrania-e-seus-impactos-no-comercio-mundial/>. Acesso em: 02 Out. 2022

BRASIL. **Presidência da República.** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decret/0/1930-1949/d19841.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decret/0/1930-1949/d19841.htm). Acesso em: 75 de Ago 2022

CHOMSKY, Noam. **Quem Manda no Mundo.** 2017. 1ª Edição. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2017.

DEMIRJIAN, Karoun. **Here are the nuclear weapons Russia has in its arsenal.** Washington Post. 5 de out. 2022, p.A1. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/2022/10/05/russia-nuclear-weapons-military-arsenal/>. Acesso em: 03 Set. 2022.

DOHANI PEREIRA, Roberta. **A criação da OTAN e sua permanência do período pós-Guerra Fria.** Fronteira - Revista de Iniciação Científica em Relações Internacionais. São Paulo. 2004.

DROZDIK, William. **Putin eases on NATO expansion.** Washington Post. 4 de out. 2001. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/archive/politics/2001/10/04/putin-eases-stance-on-nato-expansion/05f5ea0d-7048-4ff5-b790-3bc53808c9fc/>. Acesso em: 08 Set. 2022.

EVEDOVE, Leonardo Ulian Dall. **A Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN): um modelo de cooperação em defesa?** 2004. UNESP.

EVEDOVE, Leonardo Ulian Dall. **O conceito de segurança da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e a intervenção dos Balcãs (1999).** 2009. 104 f. Dissertação (mestrado) - UNESP/UNICAMP/PUC-SP, Programa San Tiago Dantas, 2009. Disponível em:

<http://acervodigital.unesp.br/handle/11449/96014>

FARIAS, J. Magno Araújo. **NOTAS SOBRE A GUERRA DA UCRÂNIA.** Revista De Ciências Jurídicas E Sociais - IURJ, v. 3, n. 1, p. 132–142, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.47595/cjsiurj.v3i1.113>. Acesso em: 14 out. 2022.

FASSIHI, Farnaz. **The war in Ukraine is exacerbating the global hunger crisis, U.N. officials say.** The New York Times, 19 May 2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/live/2022/05/19/world/russia-ukraine-war>. Acesso em: 01 out. 2022.

FOSTER, John Bellamy e McCHESNAIS, Robert. **The Endless Crisis: how Monopoly-Finance Capital produces stagnation and upheaval from the USA to China.**

GIELOW, Igor. **EUA falam em risco iminente de invasão da Ucrânia pela Rússia.** 2021. Folha de SP. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/11/eua-falam-em-risco-iminente-de-invasao-da-ucrania-pela-russia.shtml>. Acesso em: 23 de Ago 2021.

HARVEY, David. **O novo imperialismo** [2003]. São Paulo: Edições Loyola, 2014

HOBSON, Jhon Atkinson. **A Evolução do capitalismo moderno: Um estudo da produção mecanizada.** São Paulo: Abril Cultural, 1983. 361p. Coleção Os Economistas.

LENINE, Vladimir Ilitch. **O imperialismo: fase superior do capitalismo.** 3º ed. São Paulo: Centauro, 2005. 130p.

MEARSHEIMER, John J. **Why the Ukraine Crisis Is the West's Fault.** The Liberal Delusions That Provoked Putin. 2014. Foreign Affairs.

NATO-RUSSIA COUNCIL. **About NRC.** 2002. Disponível em: <https://www.nato.int/nrc-website/en/about/index.html>. Acesso em: 24 Nov. 2021.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO - **OECD.** **OECD Economic Outlook**, v.2022, Issue 1,

June 2022. Disponível em:  
<https://www.oecd.org/economic-outlook/>.  
Acesso em: 09 out. 2022.

SANTORA, Marc; NECHEPURENKO, Ivan;  
ONISHI, Norimitsu. **Moscow Moves to  
Russify Seized Ukraine Land, Signaling  
Annexation.** The New York Times, May 19,  
2022. Disponível em:  
<https://www.nytimes.com/2022/05/19/world/europe/moscow-russifying-captured-territory.html?searchResultPosition=6>. Acesso em: 01 out. 2022.

SCHUMPETER, J. A. **Sociologia dos  
Imperialismos.** Em Imperialismo e classes  
sociais, J. Schumpeter. Rio de Janeiro: Zahar,  
1961. (Obra original publicada em 1919)

STEIN, Ângela.; TEIXEIRA, Andressa e  
CUNHA, Pedro. **O alargamento da OTAN no  
período pós-guerra fria e suas implicações  
na crise da Ucrânia (2014).** UNIVERSIDADE  
SÃO JUDAS TADEU, São Paulo. Disponível  
em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/20644/1/TCC-%20Artigo%20O%20ALARGAMENTO%20DA%20OTAN%20NO%20PERI%CC%81ODO%20PO%CC%81S-GUERRA%20FRIA%20%28corrigido%2015.12%29.docx%20%281%29.pdf>

THE ECONOMIST. **Costly food and energy  
are fostering global unrest.** The Economist,  
23 June 2022. Disponível em:  
<https://www.economist.com/international/2022/06/23/costly-foodand-energy-are-fostering-global-unrest>. Acesso em: 08 out. 2022.

WOLFF, Andrew T. The Future of NATO  
enlargement after the Ukraine crisis. 2015. The  
Royal Institute of International Affairs.